

UMA NOTA CONTRA A MESMICE ACADÊMICA E POLÍTICA*

Um apontamento sobre o conceito de alienação: embora seja por demais citado, embora seja um conceito amplamente utilizado, às vezes aparecem alguns problemas de interpretação. Nossa retomada aqui, deste conceito, deve-se à necessidade de clarear nosso ponto de vista. A alienação, no processo produtivo, é a perda por parte do trabalhador, tanto do produto de seu trabalho, quanto do controle sobre o processo de produção. Numa atividade alienada, quanto mais trabalho realiza o trabalhador, menos humano ele se torna, visto que este trabalho é um processo de espoliação cotidiana. A metáfora de Franz Kafka, no conto *A Metamorfose*, ilustra bem esse processo. O protagonista da história, Gregor Sansa, metamorfoseia-se num inseto, tamanha era sua alienação perante a vida.

Se os trabalhadores não controlam sua vida, visto que sua atividade laborativa está sob o controle de outrem, também os capitalistas são alienados, na medida em que eles próprios não controlam as forças que criaram. Vide a concorrência, por exemplo, todo e qualquer capitalista está subordinado a esta relação, a qual ele também não controla. Só que, neste reino de alienação generalizada, a classe dominante é privilegiada, por isto ela não tem o interesse em superar sua vida alienada.

A alienação, como atividade de alheamento do ser humano, inicia-se no processo produtivo e expande-se para o conjunto da sociedade. Verificamos isto em várias instituições: partidos, sindicatos, estado, universidades etc. Todas elas produzem as ideologias que as justificam. Em todas estas instituições, a alienação como uma “atividade”-passiva diante do mundo e das coisas reina soberana. *A alienação tem como consequência a produção de uma consciência fetichista sobre a realidade.* Quanto mais alienados são os indivíduos, grupos e classes sociais, mais fetichistas são suas formas de consciência. A fetichização implica na cristalização do mundo existente. Implica na aceitação passiva do que está dado. Implica na passividade diante das instituições.

* Editorial da Revista Enfrentamento – n° 06, jan./Jun. 2009.

Assim, este *Enfrentamento* é um manifesto contra a alienação e contra o fetichismo. Os autores buscam demonstrar a possibilidade e a necessidade da superação do fetichismo e da alienação. Não fazem coro com as modas acadêmicas, não reproduzem as velhas repetições da “esquerda” do capital, realizam, enfim, uma crítica à mesmice cultural que reina nos círculos políticos e intelectuais. Esperamos, sinceramente, que estes ensaios demonstrem ao leitor uma crítica à cultura dominante partindo da perspectiva do proletariado.

O primeiro ensaio, de Mônica Moreira, aborda a concepção de revolução em Anton Pannekoek. Faz uma instigante discussão da maneira como Pannekoek aborda o processo de transformação social realizada pelos conselhos operários. O segundo texto, de Rafael Saddi, aborda os conflitos conceituais entre anarquistas e marxistas e aponta como as teses do comunismo de conselhos e do anarquismo revolucionário, não-dogmático confluem para um mesmo objetivo, a autogestão social, em que pese a terminologia de ambos se diferencie um pouco. O texto de Nildo Viana apresenta uma discussão que é de importância capital para a luta cultural na contemporaneidade. Trata-se do debate acerca dos conceitos de modernidade e pós-modernidade. Defende que a pós-modernidade é uma construção ideológica e que, portanto, nem existe efetivamente. A modernidade corresponde à sociedade capitalista e que não será superada inventando novas palavras, tal como a pós-modernidade, mas sim com a destruição do modo de produção capitalista. O ensaio de Lucas Maia apresenta uma discussão acerca das polêmicas entre os comunistas conselhistas e os anarco-sindicalistas no contexto da Guerra Civil Espanhola de 1936 a 1939. Após definir de modo bastante rápido o que caracteriza o anarquismo, demonstrando sua história e tendências, apresenta o anarcossindicalismo, demonstrando como comunistas conselhistas historicamente o consideraram. Por fim, o texto de Roland Lewin faz uma breve biografia intelectual e política de Erich Muhsam, escritor, jornalista e militante que combateu firmemente na Revolução Alemã de 1918 a 1921.